

Uma análise filosófica do personagem Kaspar Hauser

Aluno: Vanderlei de Souza

Orientador: Prof. Ms. Antônio Ruzza

A atividade que será desenvolvida tem como objetivo responder algumas das perguntas elencadas pela disciplina de *Oficina de Elaboração de Material Didático em Epistemologia*, correlacionando, sempre que possível, o pensamento de inúmeros filósofos com o anômalo protagonista do filme denominado de *O Enigma de Kaspar Hauser*, dirigido pelo cineasta alemão Werner Herzog. Optei para responder às perguntas selecionadas em conjunto, porque acredito que procedendo desta maneira terei a possibilidade de concatená-las, filosoficamente dizendo, com os filósofos que irão fornecer os subsídios necessários para a reflexão que será realizada, o que dará ao escrito, assim espero, um caráter sistêmico e unitário.

Baseado em registros históricos, *O Enigma de Kaspar Hauser* apresenta um incomum episódio que se passou na Alemanha nas duas primeiras décadas do século XIX com uma pessoa que não se soube ao certo de que família descendia, e que, ao ser encontrada, após ter sido abandonada em uma floresta, esteve sob os cuidados de um “gentil” senhor, que fez opção em trancafiá-la no porão de sua casa durante os seus dezessete primeiros anos de vida. Um paralelo pode ser feito, ressalvado às devidas proporções, com a parábola da caverna de Platão: Hauser, assim como um dos prisioneiros da caverna, esteve trancado durante a quase totalidade de sua vida, como já assinalado, e no mesmo instante em que depara-se com a luz do sol, comparável àquele prisioneiro, mais que depressa fecha seus olhos e coloca-se numa posição de cúbito ventral, atitude esta que pode muito bem ser vista como uma reação de estranhamento e de incômodo diante da nova realidade que se descortina ante sua visão.

Ora, a cena subsequente, quando Hauser é conduzido à cidade pelo senhor que o cuidou desde a infância a fim de ser entregue a uma das autoridades que lá se encontrava, é, sem dúvida, um momento emblemático, especialmente porque às pessoas que o receberam, além da indagação constante a respeito de sua origem genealógica, estranharam-no por inúmeros motivos: o infeliz homem não conseguia andar corretamente, nem falar, nem escrever, com exceção de seu nome, nem conhecer ou identificar as coisas a sua volta, nem expressava qualquer temor durante os experimentos que foram realizados,

entre os quais a aproximação do fogo e a simulação de um espadachim que o ameaçava. Não demorou muito para que o estranho Hauser fosse satirizado por alguns homens que adentraram no estabelecimento em que fora aprisionado. Se não bastasse os gracejos engariados pelos jovens traquinas à custa do indigente Hauser, não tardou muito para que viesse a ser desprezado pela quase totalidade dos cidadãos que com ele tomaram contato, ao ponto de, num determinado momento, as autoridades da cidade decidirem, a fim de minimizar os custos do governo despendidos com seu cuidado e, quiçá, até intencionando obter algum lucro, enviá-lo a um circo como uma atratividade. Devido à sua anormalidade, Kaspar, conjuntamente com o rei que é fisicamente encolhido análogo ao seu reino, ao garoto clone de Mozart, ao índio que toca flauta, passa a ser considerado como o quarto enigma do universo.

Posto isto, algumas reflexões epistêmicas podem ser realizadas com base em ao menos duas posições filosóficas, qual sejam: o racionalismo cartesiano e o empirismo lockeano, não sem antes se fazer uma exposição sucinta das ideias principais de ambas as correntes epistemológicas. O racionalismo é uma postura ou corrente filosófica moderna, fundada pelo filósofo francês René Descartes, que, ao menos num primeiro momento, se debruça sobre a problematicidade da origem do conhecimento, concluindo, desta maneira, que nem todo conhecimento provém da experiência via faculdades sensórias. Pelo contrário, assim argumenta o escritor de *O Discurso do Método*, muitas ideias são inatas ou congênitas ao sujeito cognoscitivo e, por isso mesmo, antecedem a experiência, entre elas destacam-se: as ideias de Deus, das figuras geométricas, dos princípios morais, do princípio de identidade, do princípio de causalidade, dos conceitos matemáticos. Enquanto o racionalismo cartesiano floresceu numa atmosfera permeada pelas ciências exatas (matemática e geometria), o empirismo inglês, por outro lado, surgiu num ambiente cultural no qual predominava as ciências experimentais (astronomia, química, botânica, mecânica, física, etc.). Destarte, o empirismo inglês encontra-se em uma posição diametralmente oposta ao racionalismo cartesiano quanto ao problema referente à origem do conhecimento. John Locke, considerado como o fundador da corrente filosófica empirista, advogou a tese de que todo e qualquer conhecimento tem como origem à experiência via cinco sentidos corpóreos. Portanto, é por meio das faculdades sensórias que os materiais ou sensações são enviados ao sujeito cognoscente, os quais serão, num momento ulterior, transmutados mediante a atividade intelectual em ideias simples e complexas.

Constato que ambas às posições epistemológicas estiveram presentes nas várias ocasiões da vida do personagem Kaspar Hauser: por exemplo, quando o “nobre” senhor ensina-lhe, durante o período em que esteve abrigado no porão, a identificar os objetos, no caso o brinquedo que representava um cavalo, a como utilizar a linguagem, a como escrever, dentre outras coisas mais, o que corresponde, enfim, a teoria epistêmica empirista ao assinalar que a experiência desempenha um papel fundamental no processo de conhecimento. São as poucas experiências acumuladas por Hauser no porão que possibilitam a ele formar ideias complexas, lockeamente dizendo, expressas nas escassíssimas frases que pronuncia de forma verbal e escrita, seja no transcurso do período que esteve morando lá, seja nos momentos subsequentes a sua saída daquele ambiente.

Por outro lado, a asserção de Hauser de que “não podia admitir de que do nada surja alguma coisa”, ao ser inquirido pelos pastores se possuía ou não a ideia de Deus, corrobora, sobremodo, a tese do racionalismo cartesiano de que existem ideias inatas, no caso a ideia concernente ao princípio de causalidade. Malgrado à afirmação proferida por Hauser de que o nada não pode produzir alguma coisa estar, por assim dizer, em consonância ao argumento expresso por John Locke, isto é, de que o não-ente não pode engendrar um ser real, sendo isso suficiente, pensa o empirista inglês, para comprovar a existência de Deus – causa necessária de todos os entes contingentes –, não posso deixar de notar, com base no argumento ontológico elaborado por Anselmo de Cantuária e utilizado posteriormente por Descartes, que Hauser poderia tomar consciência da ideia inata de Deus caso fosse mais bem instruído a este respeito. Pois, assim penso, ele não sabia ao certo no momento que foi interrogado, e tampouco no período que residiu no porão, o verdadeiro significado da palavra Deus, similarmente a um infante que só aos poucos vai adquirindo a compreensão do retro referido vocábulo, o que lhe possibilitará, a partir do instante em que tenha alcançado a maturidade cognoscitiva, exercitar a capacidade abstrativa exigida para a tomada de consciência da congênita ideia de Deus.

A imaginação também é uma das faculdades que foi exercitada por Hauser nas inúmeras cenas do filme, ora durante sua estadia no porão, quando o mesmo brincava com o cavalo de madeira, ora expressa na história fictícia contada e desenvolvida nas várias ocasiões, ora nos seus sonhos, ora no momento que foi interrogado pelo professor de lógica, e cuja resposta, assim entendo, amalgamou não apenas à capacidade imagética, mas também a capacidade dedutiva, a despeito de não ter satisfeito a expectativa do docente.

Ademais, a apreensão do que seja o sentimento de desprezo, mediante as experiências decepcionantes acumuladas por Hauser ao contatar as pessoas que o visitavam, e, mormente, da tomada de consciência de sua identidade como pessoa diferente das que estavam ao seu em torno, permitiu-lhe – somado a outros fatores como é o caso do desenvolvimento de sua capacidade cognoscitiva e da linguagem verbal – expressá-lo num enunciado: “sou desprezado por todos”. Outras capacidades foram sendo desenvolvidas por Kaspar além das assinaladas até então, dentre elas a habilidade de andar em uma posição ereta, de tocar piano, ainda que de modo rudimentar, de se vestir autonomamente, etc.

O personagem Kaspar pode ser, outrossim, analisado segundo o prisma da filosofia política, sobretudo da filosofia política elaborada por Tomas Hobbes, à qual assegura que o homem primitivo, considerado como um átomo de egoísmo, como um indivíduo de desejos ilimitados e insaciáveis, usava de violência tanto para defender-se dos inimigos quanto para atingir os objetivos particulares. O estado de natureza é, assim, caracterizado pela violência constante, pela guerra de todos contra todos, donde se originou a afirmação emblemática do autor de *O Leviatã* de que o homem é o lobo do homem. O estado de violência dos homens primevos somente pode ser aplacado e suprimido por intermédio do Estado, engendrado como resultado de uma convenção de todos os homens, com exceção de um único homem que será investido do poder absoluto, e que, por sua vez, terá como função, de agora em diante, a garantia da paz social, da aplicação das leis, da prosperidade dos indivíduos, da vigilância da propriedade privada, do consenso relativo aos dogmas religiosos, entre outras incumbências. Tendo presente o que foi exposto, ao menos três perguntas são suscitadas com base na ideia geral hobbesiana: (1) Os homens são violentos por natureza? (2) Não seria a cultura na qual o homem está inserido que seria a responsável pela sua formatação como homem violento? (3) Por que Hauser não demonstrou nenhum comportamento violento e agressivo nem no período que esteve abrigado no porão, nem nos instantes subseqüentes a sua inserção na sociedade?

No estado de natureza, portanto, a violência é quase que uma segunda natureza dos homens que nele estão imersos; mas, como observado, em momento algum a tese do filósofo político inglês foi observada no comportamento de Hauser, mesmo nos episódios que deveria ter manifestado sua agressividade, seja contra o espadachim que simulava um ataque, seja contra os jovens traquinas que divertiram-se à sua custa, seja na ocasião que

foi esfaqueado por seu padrasto. Não obstante Hauser se comportar como um homem primitivo sob inúmeros aspectos, não se pode concluir, a partir disso, que o anômalo indivíduo aja semelhantemente a um lobo; muito pelo contrário, seu comportamento assemelha-se mais ao de uma ovelha. E um dos fatores que pode explicar o porquê da falta de agressividade de Hauser, mesmo nos momentos hostis por que passou, tem como base o ambiente pacífico no qual esteve inserido durante a maior parte de sua vida, incluindo o não-contato dele com a sociedade – responsável pelo desvirtuamento dos homens, como advogara Jean-Jacques Rousseau – de modo que pudesse tomar consciência de seus impulsos desejantes e viciosos. Em contrapartida, e não posso me evadir de dizer isso, é certo que, apesar de não tê-los manifestado, os sentimentos que nutrem a agressividade do homem estiveram presentes na pessoa de Kaspar Hauser ainda que de modo potencial e latente, porque, caso inexistissem, é irrefragável que não poderíamos considerá-lo como um ser humano, mesmo que limitado sob um incontável número de aspectos.

Finalmente, não se pode tergiversar ante o estranhamento – um dos sentimentos privativos da filosofia desde sua origem – das autoridades da cidade, e posteriormente da população em geral, diante da problematidade envolvendo a pessoa de Hauser, indivíduo anômalo que como um alienígena aterrissou na pacata cidade da Alemanha, despertando a curiosidade não apenas de cientistas, como também dos ignaros. A busca de uma solução que satisfizesse de uma vez por todas a inquietude curiosa daqueles indivíduos, que por sinal encontravam-se mergulhados numa atmosfera caracterizada pela presença das inúmeras ciências que começavam a despontar, apareceu ao final do filme quando um grupo de fisiologistas descobriu uma deformidade na estrutura cerebral de Hauser, uma deficiência fisiológica que o impedia de desenvolver algumas habilidades. Apesar dos trechos finais do filme não apresentar mais detalhes a respeito da solução dada ao enigma de Kaspar Hauser, noto que, considerando a atitude entusiástica do escriba coxo ao deixar o laboratório de maneira saltitante, a resposta fornecida por aqueles fisiologistas acabou tranquilizando as pessoas que ao longo da história se sentiram incomodadas, e que procuraram, de todas as formas possíveis, resolver o quarto enigma do universo.